



Gênero e os nós da formação profissional

Sandra Lourenço

Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO/PR

Departamento de Serviço Social

Rua Saldanha Marinho, número 11-37 Apartamento 203 – Bairro: Centro; CEP: 85010-

290; Cidade: Guarapuava.; Estado: Paraná/ Brasil

(42) 622-1623 ou (42) 9113-5403

sanlouren@ig.com.br

O presente trabalho tem por objetivo, apresentar dados e informações sobre as formas de abordagem da questão de “gênero” no processo ensino-aprendizagem, especificamente no curso de Serviço Social das Faculdades do Centro-Oeste Paulista. Neste estudo, retomou-se a perspectiva da ordem patriarcal de gênero e o pressuposto de que elementos dessa

categoria permeiam o processo de ensino-aprendizagem. Vale ressaltar que, gênero é uma categoria ontológica e histórica, tendo como referente o sexo, do qual distanciou-se por conta das mediações históricas, incidindo numa dinâmica de poder, sendo constituinte e constituído pelas, nas e através das relações sociais e, portanto onipresente. A coleta de dados empíricos ocorreu entre os anos de 1998 e 2000, com os docentes dos cursos de Serviço Social de Bauru, Botucatu e Lins, abarcando inclusive a análise dos Trabalhos de Conclusão de Curso dessas Unidades de Ensino, produzidos nos anos de 1997, 1998 e 1999, além do estudo dos conteúdos programáticos das disciplinas de Desenvolvimento de Comunidade, Ética Profissional e Política Social. A compreensão de que a ordem patriarcal de gênero permeia o processo ensino-aprendizagem confirma-se por meio da observação do cotidiano educacional nas Unidades de Ensino e também com as entrevistas realizadas, que refletiram a diferenciação estabelecida entre os papéis alocados à mulher e ao homem, cuja representação é reproduzida por alguns alunos de Serviço Social ao pensarem propostas interventivas junto à população usuária. As relações sociais de gênero, de acordo com Cilene Swain Canôas vão se evidenciar nas funções exercidas pelo masculino e o feminino nos processos de produção e reprodução da vida (Cf. Canôas, 1998). Visando apreender se há reflexões na perspectiva de gênero, sistemáticas ou assistemáticas, levantou-se alguns questionamentos acerca da discussão em sala de aula sobre o número de mulheres no Serviço Social e das barreiras encontradas nesse sentido. Constatou-se que, aproximadamente 54% dos docentes não discutem o fato do Serviço Social ser composto em sua maioria por mulheres ou discutem esporadicamente ou ainda superficialmente. Esse é um dado preocupante, pois acredita-se imprescindível a análise sob a óptica de gênero da profissão, uma vez que esse é um dos componentes essenciais para a compreensão do Serviço Social, já que é uma profissão que possui um status de subalternidade, devido a diversos fatores, dentre eles a composição de mulheres. Vive-se em uma sociedade patriarcal e machista. Obviamente, que com isso, os espaços formados majoritariamente por mulheres, podem ser espaços considerados inferiores. A pesquisa apontou que, apesar da temática gênero estar presente no processo de ensino aprendizagem, ela é insuficientemente analisada pelos docentes. Por outro lado, expressa-se na produção acadêmica dos alunos com carência de densidade teórica, numa linguagem que revela uma série de esteriótipos inerentes à construção social de gênero. Foi visto ainda neste estudo que a discussão da

categoria gênero não deve ser atribuída a uma disciplina do currículo, como está na Proposta Curricular da Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social – ABEPSS, mas dada a sua importância e relação intrínseca com classe social e etnia, ser estendida a todas as atividades inerentes ao desenvolvimento do Projeto Pedagógico.

INTRODUÇÃO

Pressupõem-se que gênero é uma categoria ontológica, que tem seu referente primeiro no sexo e que, devido às mediações históricas, afastou-se desse, instituindo-se e instituindo a construção cultural de socialização do masculino e feminino, do ser-mulher e do ser-homem, permeados por relações de poder. De acordo com Saffioti, o sistema de exploração-dominância, está pautado no esquema gênero-classe-etnia, sendo assim onipresente (Cf. Saffioti, 1987).

O olhar sob a óptica de gênero que se pretende no Serviço Social, não se refere apenas a

extensão dos direitos humanos às mulheres, como se a questão fosse meramente quantitativa. Trata-se de uma nova concepção de direitos humanos, que, não somente inclui as mulheres, como também gera espaço para a vivência das diferenças de gênero socialmente construídas num contexto de igualdade social (Saffioti et alli, 1995: 24).

Atualmente, verifica-se que a discussão de gênero vem se intensificando no Serviço Social, compondo seu arsenal teórico, por meio de pesquisas, dissertações de mestrado e teses de doutorado, trabalhos apresentados em Congressos Brasileiros de Assistentes Sociais, publicações em revistas científicas da área, como a de Serviço Social e Sociedade, entre outros periódicos.

Com satisfação, constata-se que esses órgãos da categoria profissional dos assistentes sociais contemplam a questão de gênero como uma categoria inerente à realidade social.

A compreensão de gênero no Serviço Social vem atender uma das proposições apresentadas por Yamamoto no tocante à consolidação do projeto ético-político-profissional do assistente social, que, segundo ela, deve

...reconhecer a liberdade como valor ético central, o que implica desenvolver o trabalho profissional para reconhecer a autonomia, emancipação e plena expansão dos indivíduos sociais, reforçando princípios e práticas democráticas [devendo desdobrar-se] na defesa intransigente dos direitos humanos, o que tem como contrapartida a recusa do arbítrio e de todos os tipos de autoritarismos (Yamamoto,1998: 141).

Esse trabalho profissional marcadamente instituído e instituinte das relações de gênero necessita de aprofundamento teórico a respeito dessa categoria, desde a formação profissional dos assistentes sociais, nos cursos de graduação, uma vez que, a questão de gênero aparece no processo ensino-aprendizagem dos cursos de Serviço Social, porém não é refletida sistematicamente e nem com densidade teórica suficiente à real compreensão dessa temática.

Esse estudo teve como foco central apreender como os docentes entendem a categoria gênero e como a mesma é materializada no cotidiano do processo ensino-aprendizagem dos cursos de graduação de Serviço Social.

DESENVOLVIMENTO

Esse estudo envolveu o conhecimento da questão de gênero na prática de alguns docentes do centro-oeste paulista, especificamente nas Faculdades de Serviço Social das seguintes localidades: Bauru, Botucatu e Lins.

Para a apropriação do real inerente ao objeto, propôs-se realizar a pesquisa através da articulação entre a abordagem quantitativa e qualitativa, uma vez que se buscou conhecer

a realidade do sujeito “...a partir dos significados que por ele lhe são atribuídos” (Martinelli,1999: 23) .

Delimitou-se essa pesquisa por meio da amostragem intencional, envolvendo três Unidades de Ensino da Região Sul II da ABEPSS, compreendendo as Faculdades de Serviço Social de Bauru, Botucatu e Lins, estudando a sua produção inerente aos Trabalhos de Conclusão de Curso – TCCs; conteúdos programáticos e bibliografias de três disciplinas: Ética Profissional, Desenvolvimento de Comunidade e Política Social, durante os anos de 1997, 1998 e 1999, anos esses subsequentes à aprovação da nova proposta curricular, de 1996.

Para a realização do trabalho, optou-se pela utilização de pesquisa bibliográfica, visando conhecer a produção existente em relação à construção de gênero no Serviço Social, abarcando: as teses de doutorado e dissertações de mestrado da PUC/SP; as comunicações apresentadas nos três últimos Congressos Brasileiros de assistentes Sociais e o 16º Congresso Latino-americano de Escuelas de Trabajo Social e as publicações de artigos na Revista Serviço Social e Sociedade.

Utilizou-se também de pesquisa empírica, pautada em fontes documentais, através da análise dos programas e bibliografias das disciplinas eleitas para esse estudo e dos Trabalhos de Conclusão de Curso. Além disso, utilizou-se de reuniões focais e entrevistas individuais com os docentes que ministraram as disciplinas que constituíram o núcleo de estudo dessa pesquisa.

Inicialmente, preocupou-se em contemplar algumas reflexões sobre a categoria gênero, relacionando-as com a compreensão dos sujeitos da pesquisa em relação ao processo de constituição do Serviço Social como uma profissão eminentemente feminina, situando alguns de seus aspectos desde sua emergência até a contemporaneidade.

As reflexões acerca do contexto histórico inerente ao ingresso das mulheres no mercado de trabalho, tornaram-se relevantes nesta pesquisa, na medida que o Serviço Social brasileiro surge como uma alternativa profissional para o público feminino, além da constatação da presença eminente de mulheres que compuseram e compõem a profissão de Serviço Social, cuja constituição é um reflexo desses padrões sócio-culturais patriarcais.

Um elemento importante reporta-se à maternagem como um constructo sócio-cultural, cuja compreensão é imprescindível para efetuar-se uma reflexão das profissões consideradas femininas, como no caso do Serviço Social, que carrega consigo características das suas raízes históricas alocadas à concepção do cuidado, da caridade como uma forma de “criar”, de “educar” e de responder às demandas sociais.

A busca do Serviço Social como campo profissional para as mulheres, vai ao encontro da perspectiva do cumprimento da missão atribuída aos cristãos, obviamente aliada aos interesses do Estado no tocante ao controle social, que se pautava na busca do bem comum, facilitando o seu desenvolvimento, uma vez que poderiam atuar profissionalmente como cristãs, sem ter que necessariamente alterar a dinâmica doméstica da qual eram responsáveis.

Verificou-se que 42% dos sujeitos desta pesquisa, atribuem como fator determinante para a existência eminente de mulheres no Serviço Social, o processo histórico de constituição do Serviço Social

Outro fator preponderante é a proposta de extensão do lar, do espaço doméstico, da organização familiar para o campo profissional com o intuito de controle social, reforçando a idéia de que são fornecidos auxílios, ajuda, por uma mãe bondosa, no caso a assistente social, possibilitando a reprodução da ideologia de um governo, que busca por meio da operacionalização de suas políticas, contar com profissionais sensíveis, beneméritas e filantropas, como numa grande família, a manutenção da ordem e do poder vigentes.

Essa dimensão de sensibilidade, considerada feminina, é representada por aproximadamente 34% dos entrevistados, denotando um equívoco teórico ao se reportarem a necessidade de certos atributos considerados inerentes à mulher, como requisitos para o exercício profissional.

A marca do feminino, representada pela mulher como um campo especialmente voltado aos atributos de sensibilidade, bondade, virtude, pureza, representa uma forma de operacionalizar políticas sociais de controle, além do fato de considerar a sensibilidade necessária à ação profissional do assistente social, constituindo-se, assim, outro elemento explicativo do número significativo de mulheres no Serviço Social.

Deve-se ter claro que dimensões consideradas masculinas estão presentes tanto na profissão como nos profissionais, como por exemplo, a organização, a administração, o

planejamento, a racionalidade, a otimização de recursos entre outros aspectos. Já o feminino, é entendido como a capacidade de sensibilidade, de percepção, de sentimento, de emoção. Contudo, essas dimensões existem independente do sexo, isto é, o indivíduo pode ser sensível e racional, sem que haja uma vinculação direta com a sua dimensão biológica. Portanto, o masculino e o feminino compõem e são compostos pelos indivíduos, sejam eles homens ou mulheres.

A partir dessas reflexões, reforça-se a idéia de que o processo de formatação a que são submetidos o ser homem e o ser mulher no processo de socialização, aqui brevemente apontados, não está claro para os docentes, já que um número significativo dos entrevistados afirmaram que o Serviço Social é uma profissão composta majoritariamente por mulheres, uma vez que as mesmas possuem atributos de sensibilidade e de submissão, entre outros, considerados necessários ao exercício profissional, o que se considera um equívoco.

Foram recorrentes nas falas de 22% dos entrevistados, que a divisão sexual do trabalho contribui para a forte presença de mulheres no Serviço Social.

Com isso, verifica-se que o estudo e compreensão da temática gênero, articulada à questão da classe e raça/etnia, é imprescindível, uma vez que as relações entre o ser-homem e o ser-mulher são constituídas e constituintes da dinâmica social, fonte de propulsão e ação do Serviço Social. Entretanto, constata-se, a partir do próprio cotidiano profissional e das pesquisas realizadas, que as aproximações teóricas e sistemáticas, estabelecendo a relação dessa temática com a ação, apesar de sua dimensão pouco explorada e conhecida, já avança nos domínios da produção do Serviço Social.

Cabe, nesse momento, elaborar um breve resgate de algumas concepções de gênero, relacionando-as com os resultados das entrevistas com os docentes e com a produção no Serviço Social, uma vez que o interesse desta pesquisa reporta-se ao conhecimento da discussão de gênero que está presente no ensino de Serviço Social, verificando-se como essa categoria foi apreendida e expressada pelos sujeitos pesquisados.

No discurso de aproximadamente 18% dos entrevistados, depara-se com a concepção de gênero baseada na diferença, apesar dos mesmos possuírem um conhecimento teórico restrito a esse respeito. Definem gênero como aquele que identifica e descreve as diferenças entre os sexos.

Essa concepção, difundida por Carol Gilligan e Nancy Chodorow, baseia-se apenas em diferenças atribuídas a ambos os sexos, consideradas a partir da naturalização do social, reduzindo a compreensão do ser homem e do ser mulher às características físicas, onde os aspectos físicos e materiais do corpo passam a justificar a natureza do indivíduo, sendo tomadas como referentes centrais para as explicações das diferenças entre homens e mulheres.

Uma segunda aceção é a que considera gênero como uma categoria histórica, dentro de uma perspectiva cultural. De acordo com Joan Scott e Linda Nicholson, gênero é uma categoria que se refere a um conjunto de significados e de símbolos construídos sobre a base da percepção da diferença sexual, porém ampliando-a com a compreensão cultural e histórica, considerando-a como uma categoria de análise

Constatou-se que dentre os sujeitos desta pesquisa, aproximadamente 73% definiram gênero como uma categoria que envolve a construção cultural das relações de poder existente entre o homem e a mulher. Esse posicionamento reflete a definição que se encontra em Scott.

Saffioti vai além das reflexões realizadas por essa autora, afirmando que gênero é uma categoria ontológica, histórica e não só de análise. Gênero está vinculado à natureza transformada pela cultura.

Dentre as concepções apresentadas pelos docentes, a perspectiva ontológica não apareceu em suas respostas.

Para que haja o desvelamento da questão de gênero no Serviço Social, incidindo inclusive no fato de tornar-se um contributo para o estabelecimento de estratégias de alteração do quadro de desigualdades no cotidiano profissional, é preciso lançar novos olhares sobre os conceitos, valores, envolvendo inclusive a própria postura não só do corpo discente, mas principalmente do corpo docente, visando a superação da perspectiva de naturalização e dicotomização do ser-homem e do ser-mulher.

Constatou-se também, que aproximadamente 54% dos docentes não discutem o fato do Serviço Social ser composto em sua maioria por mulheres ou discutem esporadicamente ou ainda superficialmente.

Já, aproximadamente 45% discutem o fato da existência de mulheres no Serviço Social por meio da análise do processo histórico de constituição dessa profissão, através de

seminários temáticos, de reflexões sobre profissões masculinas ou femininas ou quando abordam o segmento mulher.

Esse é um dado preocupante, pois acredita-se imprescindível a análise sob a óptica de gênero da profissão, uma vez que esse é um dos componentes essenciais para a compreensão do Serviço Social, já que é uma profissão que possui um status de subalternidade, devido a diversos fatores, dentre eles a composição de mulheres. Vive-se em uma sociedade patriarcal e machista. Obviamente, que com isso, os espaços formados majoritariamente por mulheres, podem ser espaços considerados inferiores.

Ao serem questionados sobre a relevância da discussão de gênero na Nova Proposta Curricular da Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social -ABEPSS, os sujeitos da pesquisa responderam unanimemente que essa é uma temática que deve fazer parte da formação profissional do assistente social, devendo ser contemplada nesta proposta.

No que concerne à operacionalização do estudo de gênero no Serviço Social, aproximadamente 45% dos sujeitos responderam que a discussão de gênero seria pertinente na disciplina Acumulação Capitalista e Desigualdades Sociais, de acordo com as orientações da Nova Proposta Curricular da ABEPSS. Os demais 54% responderam que o estudo de gênero deve ser articulado com o processo de formação em todas as disciplinas.

Esse é um fato que merece ser aprofundado, já que as propostas curriculares da ABEPSS são norteadoras da formulação dos projetos pedagógicos das Faculdades de Serviço Social, que obviamente, estão diretamente ligadas à prática docente, aos conteúdos programáticos, e inclusive à formulação de novas estratégias de ação pedagógicas e práticas, envolvendo a postura ético-profissional, teórico-metodológica e técnico-operativa.

Através do estudo dos programas e bibliografias supra citados, constatou-se que apenas a disciplina de Ética Profissional, em uma Unidade de Ensino, apresenta a indicação de uma bibliografia que aborda aspectos inerentes à categoria gênero.

Buscando apreender a prática docente nos cursos de Serviço Social, pesquisou-se também elementos que refletem a apreensão do corpo discente em relação aos conceitos de gênero. Para tanto, utilizou-se da análise dos Trabalhos de Conclusão de Curso – TCCs, produzidos nas Faculdades de Serviço Social de Bauru, Botucatu e Lins, entre os anos de 1997 e 1999.

Constatou-se que, aproximadamente 5% dos Trabalhos de Conclusão de Curso contemplaram a temática gênero de forma direta ou transversalmente.

Ao pesquisar os TCCs, percebendo-os como os trabalhos que concentram, em linhas gerais, alguns dos conteúdos apreendidos nos cursos de graduação, refletindo a teleologia do corpo discente como expressão de seus conhecimentos produzidos com as influências de suas vivências e contatos com os docentes dos cursos de graduação, verificou-se que o processo ensino-aprendizagem vivenciado nos cursos de graduação em Serviço Social, não subsidiam suficientemente os alunos para uma análise crítica da realidade, no tocante à sociedade patriarcal e machista, incorrendo na superficialidade do tratamento do sistema exploração-dominação pautado nos eixos: capitalismo-patriarcado-racismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após entrevistas com docentes das unidades de ensino pesquisadas, das leituras e sistematização do que foi produzido pelos alunos nos trabalhos de conclusão de curso, pode-se afirmar que a categoria gênero tem sido pouco analisada do ponto de vista teórico nos cursos de Serviço social pesquisados.

Evidenciou-se que há interesse crescente dos docentes sobre o assunto. No entanto, não há densidade teórica em suas afirmações no que se refere ao tema, o que, por decorrência, ocorre com a produção dos alunos.

Tal constatação demonstra, que embora haja interesse por parte dos docentes em discutir a questão, não há um direcionamento explícito nos programas; gênero ainda não é uma categoria intrínseca à prática docente.

O entendimento teórico da categoria gênero e a sua explicitação no processo de ensino-aprendizagem, certamente contribuirá para a formação dos alunos. Isso, porque a questão de gênero está contida no núcleo da compreensão das formas de exploração-dominação e na luta pela sua superação, uma vez que é concebido como uma relação entre sujeitos historicamente situados.

A superação do machismo e do racismo pode ser considerado uma estratégia de luta, pois para os detentores do poder, a existência de categorias sociais discriminadas como as mulheres, os negros, os homossexuais constituem-se em contributos para a subalternização e sujeitamento às más condições de trabalho e aos baixos salários, já que o foco de luta

estará voltado para os fatores internos e não para a estrutura do sistema de exploração-dominância.

Entende-se que o assistente social ao apropriar-se dos estudos de gênero poderá criar estratégias para propor e intervir na dinâmica social, buscando a emancipação e a efetivação dos direitos sociais, facilitando a conquista da igualdade de condições, atendendo ao proposto no projeto ético-político profissional que deixa clara a opção pelas classes excluídas, tendo como valor ético central a liberdade (Cf. Yamamoto, 1998).

Um aspecto preocupante, levantado a partir das entrevistas, foi a consideração de que a sensibilidade da mulher é uma condição necessária para o exercício profissional, o que permite a existência de um número maior de mulheres no Serviço Social, referindo-se ao fato da mulher estar mais apta à profissão de assistente social que o homem. Essa compreensão reflete a dicotomização e homogeneização, além de desconsiderar outros aspectos como a competência ético-política, técnico-operativa e teórico-metodológica necessárias ao profissional e que independem do sexo.

Esse é um quadro que reflete uma situação preocupante no Serviço Social, uma vez que há a permanência de uma visão pautada na perspectiva da diferença, impossibilitando a compreensão da profissão inserida na divisão sócio-técnica do trabalho, velando, assim, a apreensão de sua totalidade.

Os estudos sistematizados de gênero, poderão contribuir para a reflexão crítica a respeito das concepções de naturalização da sensibilidade, da maternagem, do cuidado, da caridade entre outros, propiciando a sua revisão e compreensão numa perspectiva histórica.

Acredita-se que a questão de gênero deva ser incorporada na proposta pedagógica de cada Unidade de Ensino de Serviço Social, como uma temática que passa transversalmente por esses conteúdos e podendo ser repensada por toda a categoria, sejam docentes, alunos ou profissionais a partir de um processo que possibilite rever as próprias concepções relativas à dicotomização do mundo feminino e masculino e estabelecer o contraponto com as intervenções/proposições profissionais, tendo em vista que essa é uma temática que se coloca no bojo do processo de desigualdades sociais, juntamente com classe, raça/etnia.

Sugere-se, ainda, que os estudos de gênero sejam sistematizados e socializados por meio de cursos de capacitação de docentes, núcleos de pesquisa nas Unidades de Ensino, atividades programadas com a comunidade acadêmica, fóruns de debate, entre outros,

objetivando veicular o conhecimento acumulado sobre essa temática não só no Serviço Social, mas também na produção das Ciências Sociais e outras, subsidiando o ensino na graduação de Serviço Social, uma vez que, nesse nível, a categoria gênero ainda é pouco estudada pela maioria do corpo docente e discente. Inclusive, alguns dos professores entrevistados, enfocaram a importância da temática gênero passar a compor os conteúdos programáticos das disciplinas que do currículo dos cursos de Serviço Social.

BIBLIOGRAFIA

AMARAL, S.G. P. As relações sociais de gênero e as profissões de ajuda. In: Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais, 9, 1998, Goiânia. Anais... Goiânia, 1998. p.241-244.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENSINO EM SERVIÇO SOCIAL – ABESS. Formação profissional: trajetórias e desafios. Cadernos ABESS nº 7. Edição especial. São Paulo. Cortez Editora, 1997. 168 p.

ALAMBERT, Z. Mulher uma trajetória épica. São Paulo: IMESP, 1997.117p.

ALBIERO, C.M.G. Ensinar e aprender: Desafios constantes na formação profissional em Serviço Social. São Paulo, 1999. 194p. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Programa de Estudos Pós-graduados em Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica.

ANDRÉ, M.E.D.A. Perspectivas atuais da pesquisa sobre Docência. In: CATANI, Denice Barbara. Docência, Memória e gênero: estudos sobre formação. São Paulo: Escrituras, 1997. p. 63-74.

BACH, R. Mensagens para sempre. Trad. R. Ferreira. 1. ed. Buenos Aires, Argentina: Fotocromia, 2000.104 p.

BEAUVOIR, S. O segundo sexo. Trad. S. Milliet. 8.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, s.d. 309p. Tradução de LIFEL.

BERTAUX, D. Os relatos de vida. Trad. D. Gomide. São Paulo. Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais – PUC/SP, 2000. 23 p. (Mimeogr.).

BENHABIB, S. & CORNELL, D. (org.). Feminismo como crítica da Modernidade. Trad. N. C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1987. 208p.

BISNETO, J. A. e VELOSO, R. Questões de gênero formação profissional. In Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais, 9, 1998, Goiânia. Anais... Goiânia, 1998. p. 123-125.

BONETTI, D.A.; SILVA, M.V.; SALES, M.A. & GONELLI, V.M.M. (org.). Serviço Social e Ética – Convite a uma nova práxis. 2. ed. São Paulo. Cortez, 1998. 232 p.

BONETTI, D.A. A Produção do Mestrado em Serviço Social. São Paulo, 1992. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Programa de Estudos Pós-graduados em Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica.

BRASIL. Resolução CFESS nº 273/93 de 13 de março de 1993. Código de Ética Profissional do Assistente Social. CFESS, Brasília, 1993. In Coletânea de Leis. CRESS-RN Gestão 96/99.

BRUNO, D.D. Classe e gênero como conceitos analíticos. In Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais, 7, 1992, São Paulo. Anais...São Paulo, 1992. P. 117-119.

BRUSCHINI, C. & HOLLANDA, H.B. (orgs). Horizontes plurais: novos estudos de gênero no Brasil. São Paulo, 1998. 413p.

CANÔAS, C.S. A questão de sexo e gênero nas relações sociais. In Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais, 9,1998, Goiânia. Anais...Goiânia. 1998. P. 05-09.

_____. O olhar feminino sobre 2010. São Paulo: Textonovo, 1997. 192p.

CARDOSO, F.G. et alii. Diretrizes Curriculares (Proposta de adaptação ao modelo de enquadramento definido pela SESU/MEC, elaborado pela Coordenação Nacional de Graduação da Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social – ABEPSS). São Luís: Universidade de Brasília- Departamento de Serviço Social, 1999. 8p. (Mimeogr.).

CARDOSO, I.C.C.; GRANERMANN, S.; BEHRING, E.R. e ALMEIDA, N.L.T. Proposta básica para o projeto de formação profissional novos subsídios para o debate. Cadernos ABESS: Formação profissional: trajetórias e desafios, (São Paulo), v. 7, p. 15- 57, 1997.

CARVALHO, M.P.. No coração da sala de aula: gênero e trabalho docente nas séries iniciais. São Paulo: Xamã, 1999. 247 p.

CATANI, D.B., et alli. História, Memória e Autobiografia na Pesquisa Educacional e na Formação. In : Docência, memória e gênero: estudos sobre formação. São Paulo: Escrituras, 1997. p. 13-48.

CHINALI, I.G. Trabalho Feminino e globalização. In Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais, 9, 1998, Goiânia. Anais...Goiânia, 1998. p. 244-247.

CHODOROW, N. Psicanálise da maternidade: uma crítica a Freud a partir da mulher. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1990.

ECO, U. Como se faz uma tese. 14 ed. São Paulo: Perspectiva, 1998. 170p.

FALEIROS, V.P. Estratégias em Serviço Social. São Paulo: Cortez, 1997. 208 p.

GOMES, R. Et alli. Pesquisa social. Teoria, método e Criatividade. 10 ed. Rio de Janeiro: Vozes. 1994. 80 p.

HARTMANN, H. O casamento infeliz do marxismo com o feminismo: por uma união mais progressista. Trad. S. Reilly. São Paulo, 1981. 351p.

HEILBORN, M. L. Fazendo gênero? A Antropologia da Mulher no Brasil. In Brushini, Cristina & Costa, Albertina (orgs.). Uma questão de gênero. Rio de Janeiro. Rosa dos Tempos; São Paulo. F.C.C. 1992.

HYPOLITO, Á. L. M. Trabalho docente, classe social e relações de gênero. Campinas, 1997. 120p.

IAMAMOTO, M.V. O Serviço Social na Contemporaneidade: Trabalho e formação profissional. São Paulo: Cortez. 1998. 326p.

IAMAMOTO, M.V. & CARVALHO, R. Relações Sociais e Serviço Social no Brasil. 3 ed. São Paulo: Cortez, 1985. 383p.

IAMAMOTO, M.V. Ensino e Pesquisa no Serviço Social: desafios na construção de um projeto de formação profissional. Cadernos ABESS: Produção Científica e Formação Profissional, v. 6, p. 101-116, 1998.

KABEER, N. Conceitos de gênero no planejamento do desenvolvimento, uma abordagem básica. In Apostila, 1995.

KAMEYAMA, N. A trajetória da produção de conhecimentos em Serviço Social: avanços e tendências. Cadernos ABESS: Diretrizes Curriculares e pesquisa em Serviço Social, v. 8, p. 33 - 76, 1998.

- LAURETIS, T. A Tecnologia do Gênero. In HOLLANDA, Heloísa Buarque (org.) Tendências e Impasses – O Feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p.207-241.
- LEGAULT, G. Intervenção Feminista e Serviço Social. Trad. E. J T. S. Faleiros. Revista Serviço Social e Sociedade, v. 37. P. 107-128. 1991.
- LIMA, V.L.A.F.M. O Início do Serviço Social: Um Feminismo Cristão. São Paulo, 1991. 175p. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Programa de Estudos Pós-graduados em Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica.
- LOPES, C.L.E. (org.).8 de março: Dia Internacional da Mulher- uma data e muitas histórias. São Paulo: IMESP, 1993. 96p.
- LOURO, G.L.. Gênero e Magistério: identidade, história, representação. In CATANI, D.B. et alli. Docência, memória e gênero: estudos sobre formação. São Paulo: Escrituras, 1997. p.75-84.
- _____. Gênero, sexualidade e educação. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1997. 179p.
- MARTINELLI, M.L. (org.). Pesquisa Qualitativa: um instigante desafio. São Paulo: Veras, 1999. 143p.
- _____. Serviço Social: identidade alienação. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1991. 159p.
- MARX, K. e ENGELS, F. Manifesto do partido comunista. Global, 1987.
- MASETTO, M. (org.). Docência na Universidade. São Paulo: Papyrus, 1998. 112p.
- MINAYO, M.C.S. Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. Rio de Janeiro: Vozes, 1994. 80p.
- MONTAÑO, C. La naturaleza del Servicio Social: un ensayo sobre su genesis, su especificidad y su reproduccion. São Paulo: Cortez, 1998. 209p.
- MOREIRA, M.R.A.. Entre a tempestade e a Bonança: Incursões sobre relações sociais de gênero e Serviço Social. São Paulo, 1998. 144p.
- MUNIZ, E. A assistência social para seus gestores: desvendando significados. Franca,1998. 338p. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Programa de Estudos de Pós-graduação em Serviço Social, Universidade Estadual Paulista.

NASCIMENTO, M.A.C. Memorial para tese de doutorado. São Paulo, 1998. 235p. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica.

NETO, A.M.Q.F. Produção científica e formação profissional: os paradigmas do conhecimento e seu reatamento no cotidiano do ensino, da pesquisa e do exercício profissional. Cadernos ABESS: Produção Científica e Formação Profissional, v. 6, p. 20-28, 1998.

NETTO, J. P. Capitalismo monopolista e Serviço Social. São Paulo: Cortez, 1997.

NORMAS PARA PUBLICAÇÕES DA UNESP/ COORDENADORIA GERAL DE BIBLIOTECAS E EDITORA UNESP. 5 ed. São Paulo: Fundação da Editora UNESP, 1994. V. 1,2,3 e 4.

PAVEZ, G.A. Casa Eliane de Gramont: Presença/ausência de uma política pública de violência de gênero. São Paulo, 1997. 112p.

PESSOA, F. Vida e pensamentos. São Paulo, 1996. 112 p.

_____. Mensagem. São Paulo, 1998. 114p.

PONTES, R.N. Mediação e Serviço Social. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1997. 198p.

PRIORI, M.D. (org.). História das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 1997. 678p.

QUEIROZ, M.I.P. Variações sobre a técnica do gravador no registro da informação viva. São Paulo: T.A Queiroz. 1991. 171p.

RANGEL, A. & SORRENTINO, S. Gênero: Conceito histórico. São Paulo: Princípios, 1994. p. 47-51.

RIOS, T.A. Ética e Competência. 7 ed. São Paulo: Cortez, 1999. 86p.

RODRIGUES, M.L. (org.). Ensino de Serviço Social: polêmicas. São Paulo: EDUC, 1992. 61p.

RODRIGUES, M.L. & NEVES, N.P. Cultivando a pesquisa: reflexões sobre a investigação em ciências sociais e humanas. Franca: UNESP, 1998. 63p.

RODRIGUES, M.T. Serviço social, gênero e violência. In Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais, 9, 1998, Goiânia. Anais...Goiânia, 1998. p. 256-259.

SÁ, Jeanete L. Martins de. Conhecimento e Currículo em Serviço Social: análise das contradições. São Paulo: Cortez, 1995. 294p.

SAFFIOTI, H.I.B. & VARGAS, M. Mulher brasileira é assim. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1994. 284p.

SAFFIOTI, H.I.B. & ALMEIDA, S.S. Violência de Gênero, Poder e Impunidade. Rio de Janeiro: Revinter, 1995. 218p.

SAFFIOTI, H.I.B.. Violência de gênero: lugar da práxis na construção da subjetividade. Revista Lutas Sociais, v.2, 1997.

_____. A mulher na sociedade de classes: mito e realidade. Petrópolis: Vozes, 1976. 383p.

_____. O poder do macho. São Paulo: Moderna, 1987. 120p.

_____. Novas perspectivas metodológicas de investigação das relações de gênero. In Seminário: Mulher em Seis Tempos, 1991, Araraquara. p.141-176.

SARTI, C.A. Família e individualidade: um problema moderno. In A família contemporânea em debate. São Paulo: Cortez, 1995. p. 39-49.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In Educação e Realidade. Porto Alegre. v. 2. 1990. P. 05-22.

SEVERINO, A. J. Metodologia do Trabalho Científico. 21ª ed. São Paulo: Cortez, 2000. 279p.

SOIHET, R.; SAMARA, E.M. e MATOS, M. I. S. de. Gênero em debate: trajetória e perspectivas na historiografia contemporânea. São Paulo: Educ, 1997. 114p.

SPONCHIADO, J.I. Docência e relações de gênero: um estudo de dissertações e teses defendidas em instituições brasileiras no período de 1981 a 1995. São Paulo, 1996. 115p. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Programa de Estudos Pós- graduados em Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica.

STAMPACHIO, M. E. S.B. Discutindo a questão de gênero: olhar dos profissionais da Casa Eliane de Gramont. São Paulo, 1995. 154p. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica.

THOMPSON, P.. A voz do passado: história oral. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998. 385p.

VIANNA, C. P.; LIMA, M. M.; RIDENTI, S. e PEGORARO, T.. O uso analítico do gênero: balanço crítico de estudos contemporâneos. Caxambu, 1996.(mimeo) apud NASCIMENTO, Maria Antonia C. Memorial para exame de qualificação, São Paulo, 1998. 235p. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Programa de Estudos Pós-graduados em Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica.

